

“SE PRECISAR, A GENTE MESMO DÁ AULA”: LAZER, POLÍTICAS PÚBLICAS, ORGANIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA DE IDOSOS¹

Recebido em: 04/09/2014

Aceito em: 10/03/2015

João Paulo F. Soares²

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) - Campus Governador Valadares
Governador Valadares – MG – Brasil

Ludmila Mourão³

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Juiz de Fora – MG – Brasil

Edmundo de Drummond Alves Júnior⁴

Universidade Federal Fluminense
Niterói – RJ – Brasil

RESUMO: Este artigo busca identificar e compreender as motivações para a permanência de um grupo de idosos no projeto de lazer e atividade física Vida Ativa (PVA), no município de Ubá/MG, e as consequências dessa decisão nas relações sociais desses sujeitos. Assim, esta pesquisa qualitativa se caracteriza como um estudo antropológico de cunho etnográfico. As técnicas foram a observação sistemática das aulas e eventos do PVA e as entrevistas realizadas com um grupo de 8 sujeitos, sendo 5 alunas e 1 aluno, além da professora e da estagiária do projeto. As motivações dos idosos para a continuidade no PVA passam pela reconstrução dos projetos individuais de vida e da construção de um projeto coletivo na velhice, evidenciando laços de sociabilidade e reciprocidade nas relações estabelecidas nesse contexto social.

PALAVRAS CHAVE: Envelhecimento. Políticas Públicas. Atividades de Lazer.

¹ Este artigo faz parte da dissertação de Mestrado intitulada: “O Doce Amargo Sabor do Envelhecimento: experiências corporais, geracionais e de gênero”, defendida em março de 2014, no Programa de Pós-Graduação em Educação Física, associação Universidade Federal de Juiz de Fora e Universidade Federal de Viçosa.

² Mestre em Educação Física pela UFJF. Especialista em lazer pela UFMG. Graduado em educação física pela UFV. Professor do Departamento de Educação Física da UFJF/Campus Governador Valadares.

³ Doutora em Educação Física. Professora orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, associação Universidade Federal de Juiz de Fora e Universidade Federal de Viçosa.

⁴ Doutor em Educação Física. Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal Fluminense.

**IF NECESSARY, WE TEACH OURSELVES": LEISURE, PUBLIC POLICIES,
ORGANIZATION AND COMMUNITY ENGAGEMENT OF ELDERLY
PEOPLE**

ABSTRACT: This article seeks to identify and understand the reasons for the persistence of a group of seniors in Projeto Vida Ativa (PVA) – a project of recreation and physical activity in Uba/MG, and the consequences of that decision in the social relations of these subjects. Thus, this qualitative research is characterized as an anthropological ethnographic study. The techniques were the systematic observation of classes and events of PVA and interviews with a group of 8 subjects, 5 males and 1 female, besides the teacher and the intern. The motivations of older people to continue in PVA turned out to be the reconstruction of individual life projects and the construction of a collective project in old age, showing ties of sociability and reciprocity in the relations within this social context.

KEYWORDS: Aging. Public Policies. Leisure Activities.

Introdução

O título deste artigo origina-se do discurso de uma interlocutora⁵ da pesquisa de campo, aluna do projeto de lazer e atividade física para idosos, o projeto Vida Ativa (PVA), que, diante da possibilidade de interrupção das vivências corporais partilhadas por seu grupo, expõe sua intenção de assegurar a continuidade desse espaço de sociabilidade. Sem adentrar a discussão sobre a “autoridade científica” dessa intenção, um ponto pode ser ressaltado: a mobilização e a organização desse grupo emergem no contexto, expondo o protagonismo dos sujeitos envolvidos nesse projeto.

Nesse sentido, observam-se as necessidades dos grupos sociais por vivências de lazer e a relevância das discussões acadêmicas sobre direitos sociais relativos ao lazer e às políticas públicas na atualidade brasileira, corroborando com o estudo de Gomes *et al.* (2012).

Como fenômeno cultural, o lazer se apresenta como campo profícuo na compreensão dos significados das experiências corporais dos sujeitos e grupos sociais

⁵ O nome dos interlocutores desta pesquisa, ao serem expostos no texto, serão fictícios.

em seu cotidiano, sendo tais manifestações relevantes para os entendimentos de uma determinada cultura, visto que, em seu tempo de lazer, os sujeitos criam e recria possibilidade para realizações, dada sua condição de grupo social identitário (MELO; ALVES JUNIOR; BRETAS, 2008).

Nessa perspectiva, compreende-se o lazer como dimensão relevante da vida dos sujeitos (GOMES 2008), que, como tal, constrói, reproduz e ressignifica estereótipos, preconceitos e processos discriminatórios de gênero, geração, etnia, classe social ou qualquer aspecto que delimite uma identidade “destoante” do que é normalizado pelas instituições sociais (GOELLNER *et al.*, 2011; 2009).

Assim, buscamos investigar, nesta pesquisa, os discursos sobre as experiências de um grupo de idosos no Projeto Vida Ativa (PVA), no município de Ubá, Minas Gerais, e analisar como a decisão de permanecer nesse projeto baliza seus projetos de vida na velhice.

Percurso metodológico

Esta pesquisa qualitativa⁶ se caracteriza como um estudo antropológico de cunho etnográfico, tendo como marco teórico os referenciais dos estudos em antropologia social e urbana (GEERTZ, 1997; 1989; MAGNANI, 2009; 2004; 1997; VELHO, 2013, 2004; 2002).

A pesquisa de campo foi desenvolvida no município de Ubá⁷, Minas Gerais, no período de março a novembro de 2013, totalizando 8 meses de inserção no campo.

⁶ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (CEP/UFJF), sob o número de protocolo de aprovação: 10497413.7.0000.5147.

⁷ O município de Ubá fica localizado na mesorregião da Zona da Mata mineira e está localizado a 297 km da capital, Belo Horizonte, e a 110 km de Juiz de Fora. Tem como principal atividade econômica a produção moveleira. Possui uma população de 101.519 habitantes. A população com idade igual ou superior a 60 anos é de 11.063 pessoas, ou seja, 10,9 % da população do município. Desse total, a

Foram observadas as aulas do PVA⁸, com anotações e registros em caderno de campo (MAGNANI, 1997), e realizadas entrevistas temáticas individuais com 8 interlocutores, sendo 5 alunas e 1 aluno do PVA⁹, além da professora e da estagiária do projeto.

Após a gravação das entrevistas, as quais foram transcritas na íntegra e categorizadas, os sujeitos da pesquisa assinaram os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLEs). Nessa fase, na qual se utilizou a técnica de categorização dos discursos para identificação das categorias nativas (VELHO, 2004; 2002), foram elaboradas as unidades de análise (MAGNANI, 2009), relevantes na captação de significados que o grupo estudado atribui às suas experiências no contexto cultural em que estão inseridos. O material analítico das entrevistas foi cotejado com o caderno de campo e o referencial teórico.

O Lazer como campo de atuação profissional e as Políticas Públicas de Lazer

O lazer, como campo de investigação e atuação profissional, torna-se multidisciplinar, principalmente nas propostas de intervenção profissional (ISAYAMA, 2005).

Tais intervenções são marcadas por múltiplos saberes; no entanto, devido à associação direta entre o lazer e as práticas corporais e esportivas, o campo profissional da Educação Física assume um protagonismo nesse campo de saberes (STOPPA *et al.*,

população masculina com 60 anos ou mais é de 4.953 pessoas. A população feminina com 60 anos ou mais é de 6.110 pessoas. (IBGE, 2010).

⁸ As aulas do PVA ocorrem às segundas, quartas e sextas-feiras, no período da manhã. As vivências corporais realizadas são a ginástica, os exercícios de alongamento e a dança. Tais intervenções ocorrem em dois locais no interior de um clube de futebol amador da cidade, localizado no bairro Industrial.

⁹ O grupo de interlocutores da pesquisa é composto de oito sujeitos: cinco alunas e um aluno, que participam do projeto de atividade física há aproximadamente cinco anos. Todos são provenientes de classes populares e residem no bairro Industrial, local onde ocorreu a pesquisa de campo, e suas idades são: 76, 71, 70, 67, 63, 57 anos. A professora tem 42 e a estagiária, 20 anos. Quatro alunas do grupo são donas de casa e dois, aposentados. A professora é graduada em Educação Física e a estagiária cursa o mesmo curso de formação.

2013). Concomitantemente, aponta-se para a necessidade de intervenções embasadas por saberes profissionais diversificados¹⁰ (TARDIF, 2002), que seriam acessados na formação universitária, em que tais demandas refletem um aprofundamento de iniciativas criadas e difundidas no âmbito das universidades, a partir da década de 1980, mediante a organização de grupos de pesquisa e eventos científicos multidisciplinares, que tinham o lazer como temática central (MELO, 2008).

A partir dessa produção, que se amplia com inúmeras obras publicadas em diversas áreas de conhecimento, fica evidente também o aumento da demanda por parte da população em geral, por iniciativas governamentais que pudessem ampliar o acesso às vivências de lazer. Entretanto, segundo Menicucci (2006), apesar de a Constituição Federal Brasileira ter reafirmado o status de direito do lazer, não foram definidos os meios pelos quais esse direito seria garantido, sendo que, para sua concretização e a de outros direitos sociais, há a necessidade da ação governamental através de políticas públicas¹¹.

Nesse sentido, o acesso às práticas esportivas e às vivências de lazer é compreendido como direito social, observando-se, hoje em dia, um aumento das demandas por ações e projetos sociais de inclusão social nesse setor de direitos (RODRIGUES; DARIDO; PAES, 2013).

Tais demandas culminam na elaboração – em 2003, via Ministério do Esporte, através da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer (SNDEL) – do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC). O programa é justificado por pretender

¹⁰ Os saberes profissionais são aqueles que se constituem em conhecimentos implementados e adquiridos nas instituições de ensino superior, que formam professores e profissionais de diversas áreas de conhecimento (TARDIF, 2002).

¹¹ O conceito de políticas públicas utilizado neste estudo aponta que estas são as formas de intervenção do Estado com o objetivo de assegurar e garantir direitos, sejam eles civis, políticos e ou sociais (CUNHA; CUNHA, 2002).

atuar na redução da desigualdade de acesso ao esporte e ao lazer por parcela significativa da população brasileira. Seus objetivos centrais são ampliar, democratizar e universalizar o acesso à prática e ao conhecimento do esporte recreativo e de lazer, integrando suas ações às demais políticas públicas (BRASIL, 2008).

A partir desse cenário, o PELC foi implantado em novembro de 2006 no município de Ubá/MG, e, a partir dos resultados apresentados ao Ministério do Esporte, o convênio foi renovado por mais duas edições (2008-2009 / 2010-2011).

Em sua terceira e última edição, de abril de 2010 a abril de 2011, as ações do PELC/Ubá foram transferidas para a gestão da Prefeitura Municipal de Ubá, que assumiu, através da Divisão de Esporte, atualmente vinculada à Secretaria de Educação, as ações dos referidos núcleos. Nessa edição, as atividades foram desenvolvidas em dois núcleos¹², sendo atendido um total de 1.165 pessoas¹³.

No período compreendido entre os meses de abril a setembro de 2011, foi realizado o que denominamos de transição das atividades do Projeto PELC para o projeto Vida Ativa (PVA), com consequentes problemas no que se refere à remuneração de professores e estagiários e ao local das aulas, que foram alterados em virtude do fim do convênio com o Ministério do Esporte. Além deste fato, outras alterações relacionadas ao modelo conceitual e aos princípios norteadores do PELC foram percebidas. Esse período de transição na história dos projetos será um dos focos analíticos deste artigo.

¹² Esses núcleos estavam localizados em dois bairros de classes populares, sendo que um deles foi escolhido para o desenvolvimento de nossa pesquisa de campo.

¹³ De acordo com os dados obtidos na coordenação geral dessa gestão do PELC/Ubá, desse total, 658 indivíduos estão na faixa etária dos 7 aos 17 anos; 47, dos 18 aos 24 anos; 249, dos 25 aos 59 anos; e 211 beneficiários têm 60 anos ou mais.

O Projeto Vida Ativa: a transição para uma política pública municipal

Em setembro de 2011, é lançado oficialmente, pela Prefeitura Municipal de Ubá, o Projeto Vida Ativa (PVA), que tem entre seus objetivos dar continuidade às ações realizadas com a população idosa, que estavam estruturadas nos antigos núcleos do PELC/Ubá. No entanto, notam-se substanciais alterações no modelo conceitual e nos princípios norteadores do antigo programa. O processo mais evidente passa a ser um deslocamento da proposta original, voltada ao trabalho com múltiplos interesses culturais do lazer, para uma atuação voltada para o interesse físico, materializado nas vivências da ginástica, dos exercícios de alongamento e na dança. Nesta abordagem metodológica, a atuação realizada anteriormente no PELC, com intuito de democratização das experiências de lazer, passa a ser implementada com foco na manutenção da saúde dos grupos de idosos, com os pressupostos do envelhecimento ativo¹⁴ como pano de fundo.

Além desta alteração conceitual e metodológica, o processo de capacitação profissional passa a ser organizado pela professora do PVA, que busca discutir situações cotidianas com seus estagiários em reuniões mensais. Este processo demonstra algumas limitações teóricas e metodológicas, a medida que não prioriza a troca de saberes e experiências destes agentes com professores externos ao PVA, com experiência do processo de capacitação e formação continuada de pessoas para atuar em políticas públicas de lazer, como era realizado no PELC¹⁵.

¹⁴ Mais sobre a teoria gerontológica do envelhecimento ativo e seus desdobramentos no campo de atuação do lazer e das práticas corporais ver Alves Júnior (2011, 2008).

¹⁵ Mais informações institucionais sobre as diretrizes, objetivos e o processo de capacitação e formação continuada do PELC ver: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snelis/esporteLazer/diretrizPELC2014>

Cabe pontuar que as intervenções do PVA são desenvolvidas em 10 bairros de classes populares¹⁶, que possuíam, no período compreendido de março a novembro de 2013, aproximadamente 350 pessoas matriculadas.

Dentre os alunos do bairro Industrial, destaca-se um grupo remanescente do PELC/Ubá, composto atualmente por 31 mulheres e 1 homem, que vivencia as práticas corporais da ginástica, do alongamento e da dança há aproximadamente 5 anos.

A partir da entrevista com a professora Ana Paula, também remanescente do PELC/Ubá, foi estabelecida a rede de interlocutores que participaram da pesquisa. Tal grupo exerceu, segundo Ana Paula, centralidade e protagonismo no período da transição entre o PELC/Ubá e o atual PVA.

Organização comunitária de idosos e as descontínuas políticas públicas de lazer

A reflexão que propomos é a da compreensão das motivações para a continuidade das vivências corporais do grupo de idosas, e das formas como essa permanência orienta a construção de projetos de vida dessas mulheres.

Nesse contexto, cabe apontar as relações descontínuas entre o grupo de alunas e os profissionais que atuavam no projeto, Nelas, ficam evidentes as alternâncias de professores e constantes ausências, apresentando-se como desafio para o grupo, dada a sua interferência na continuidade e motivação para as vivências corporais.

Aí vinham algumas das meninas e ficavam lá na frente marcando os exercícios. Eram as meninas do próprio grupo que davam aula para a gente não parar. [...]. Foi uma época meio entranha, porque agente já estava acostumada com um (professor), aí entrou o outro. Teve uma época que agente ficou um tempo sem professor, tinha dia em que o

¹⁶ O conceito de classe social utilizado neste estudo é o proposto por Bourdieu (2005), que amplia a visão economicista, a qual foca a análise das classes sociais predominantemente em aspectos econômicos e aponta a classe social como um grupo de sujeitos que partilham aspectos simbólicos de um determinado campo social, com gostos, aspirações, opiniões sobre determinados temas sociais e uma posição econômica na estrutura social semelhante (BOURDIEU, 2005).

professor não vinha ai agente mesmo juntava e ia fazer caminhada, a gente inventava e fazia a ginástica (Mariana, aluna PVA, 63 anos).

Esses relatos descrevem um momento da história do grupo de alunas no PVA. A trajetória desse grupo foi marcada pela descontinuidade em suas vivências corporais no contexto dos projetos de atividade física. A partir dessa experiência, Renata, Bruna e Mariana mencionam as estratégias utilizadas pelo grupo para que, independentemente da presença institucional de um professor, as relações entre os sujeitos do grupo fossem preservadas.

Quando parou, a gente mesmo continuava aqui dando alongamento uma para a outra. A gente segurou. A gente mesmo chegava, alongava e passava para as outras. Realmente eu dei alongamento várias vezes aqui. Eu falava assim: “gente, vamos fazer, vamos embora”, e a gente ia, fazia um (exercício), fazia outro (exercício) até acabar o horário (Renata, aluna PVA, 56 anos).

Renata, a mais jovem do grupo, toma para si a responsabilidade da professora na execução de exercícios diversos que foram repassados ao grupo de alunas. Tal processo apresenta-se como estratégia de conexão intragrupal e demonstra os aspectos simbólicos das vivências corporais, que, longe de uma visão funcionalista do movimento humano, fazem parte do universo simbólico que promove a união do grupo e dá sentido às vivências corporais realizadas no projeto.

Em fevereiro de 2010, com a entrada da professora Ana Paula, os problemas de descontinuidade e ausências são sanados. No entanto, com o advento do término da edição do PELC, em abril de 2011, outros problemas se anunciam, trazendo novos desafios para o grupo.

É recorrente, no relato da professora, o ato de rememorar o período de interrupção do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) e a transição para o Projeto Vida Ativa (PVA):

Então, quando o PELC acabou, eu lembro que nós fomos até a prefeitura, para tentar com o prefeito um projeto para manter a melhor idade. Era um grupo de várias pessoas com um número grande de participantes e, na época, o prefeito nos atendeu e falou: “olha, o objetivo desses projetos, assim que vem para a cidade, é justamente implantar a ideia da atividade física na comunidade. Quando o projeto acaba, seria interessante para a comunidade se ela mesma mantivesse essa ideia e procurasse algum recurso”. Então, ele falou: “No momento não tem, mas vamos ver para frente”. Então, quando eu saí, eu comuniquei para elas, elas mesmas tiveram a ideia: “e se nós ajudássemos você com um valor de transporte para vocês continuarem vindo aqui três vezes na semana dar aula pra gente?”. Então durante esse tempo era dessa forma (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

A partir desse pacto entre a professora e as alunas, a continuidade das atividades é tida pelo grupo como uma conquista, a qual, de acordo com algumas falas, foi motivada por um processo de empoderamento dessas mulheres, que encontraram nessas vivências corporais, entre outras finalidades, modos de reconstruírem seus projetos individuais.

A gente se organizou sim, isso foi na época que acabou o contrato da professora, mas nós não queríamos que parasse a aula, então cada uma contribuiu um pouquinho, para ela continuar, até ela formar outro contrato (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

O conceito de empoderamento pode ser definido aqui como “os mecanismos pelos quais os sujeitos tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, tomam consciência de suas habilidades e competências para produzir, criar e gerir” (COSTA, 1998, p. 7). Tal processo não é inacabado e sim dinâmico, repleto de alternâncias de poder. A postura social dessas mulheres faz emergir o significado que o grupo atribuía às relações vivenciadas nesse espaço de sociabilidade.

Trata-se de um caso de organização comunitária, visto que, segundo Ana Paula, essas pessoas se organizaram para que as ações não finalizassem ante o término do convênio com o Ministério do Esporte, arcando, elas mesmas, com o pagamento do trabalho da professora. No entanto, cabe ressaltar que o lazer é um direito social

inalienável e deve se garantido pelas ações do Estado, mediante as políticas públicas de lazer, seja em nível federal, estadual e ou municipal. O financiamento destas ações é de responsabilidade institucional e a autogestão das interlocutoras desta pesquisa pode ter, paralelamente, contribuído para um processo de desresponsabilização da gestão municipal neste processo. Somente após o início das ações do PVA, o convênio com a prefeitura de Ubá/MG voltou a incorporar a remuneração da professora ao PVA¹⁷.

Assim, o exercitar-se em grupo, nesse contexto, é lócus privilegiado para a reelaboração dos projetos individuais, os quais, no momento do encontro, apresentam coerência entre si e podem ser concebidos como um projeto coletivo. Quais são as características desse projeto coletivo? Tal projeto foi fortalecido mediante o processo de organização do grupo?

A seguir, abordaremos o entendimento da categoria analítica projeto, na perspectiva de Gilberto Velho (2013; 2004).

Projetos que se cruzam na construção de um projeto coletivo

Sobre a categoria “projeto”, Velho (2013) traz a centralidade dos sujeitos na compreensão dessa categoria, que está atrelada à noção de biografia:

A consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de projetos. Portanto, se a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, o projeto é a antecipação no futuro dessas trajetórias e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização de meios através dos quais esses poderão ser atingidos. [...]. São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória (VELHO, 2013, p. 65).

¹⁷ De acordo com informação obtida com a professora Ana Paula, o processo de remuneração realizado pelas alunas durou 8 meses e compreendeu o período de transição entre os projetos PELC e PVA.

A partir dos relatos das interlocutoras, sem negar a heterogeneidade de suas experiências individuais, podemos constatar biografias que convergem e demonstram algumas experiências em comum, como a vivência de um único casamento duradouro, a maternidade, as obrigações com o trabalho doméstico e os cuidados com a família.

Tais biografias não contemplavam as vivências corporais de forma individual ou coletiva nas demais fases de suas vidas, vindo a fazer parte delas apenas na velhice.

Agora foi a primeira vez que fiz exercício. O exercício que eu fazia quando era jovem era trabalhar na roça. Capinava, plantava, colhia. Isso que era minha atividade. Não tinha esta coisa de exercício. Não tinha nem escola (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

Não, nunca fiz exercício. Minha vida de mocinha foi só trabalhar. E depois, casei muito nova. Quando eu ainda estava com minha mãe, eu trabalhava na roça e em serviço de casa. Depois me puseram na casa de família para trabalhar. Então eu não tive tempo para ir à aula, eu não estudei. Eu leio hoje e assino meu nome graças a Deus, mas aprendi sozinha (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

Não, quando eu era mais nova e morava na roça, o exercício nosso era puxar enxada, nosso exercício era esse. Estes exercícios que fazem hoje não existiam na roça. Estas ginásticas que tem hoje não existiam. A gente brincava, ia numa reza, mas esse tipo de exercício não tinha (Renata, aluna PVA, 56 anos).

É a primeira vez. Antes, o meu exercício era trabalhar na roça (Adriana, aluna PVA, 67 anos).

Ao rememorar suas experiências em outros momentos de suas trajetórias de vida, as mulheres abrem possibilidade para a compreensão do contexto sociocultural em que foram inseridas (BOSI, 1994).

Tais trajetórias foram marcadas pelas experiências convergentes e se apropriaram de aspectos simbólicos semelhantes de uma geração de mulheres que, em sua juventude, foi subjetivada para aprender o trabalho rural e doméstico e, posteriormente, casar e assumir as responsabilidades da organização do trabalho doméstico e dos cuidados com o grupo familiar. Observa-se que a educação escolar e

as vivências corporais não fizeram parte do universo dessas mulheres, que agora experimentam o gosto por tais experiências corporais.

Assim, o início das vivências corporais no projeto de atividade física se apresenta como divisor nos projetos individuais das idosas. Os olhares perspectivos se alteram, e os sujeitos começam a experienciar relações e sensações que até então não se conheciam. A partir do início dessa experiência corporal, há a construção de um espaço de sociabilidade e ajuda mútua intragrupal, que se organiza nos encontros para a vivência da ginástica, dos exercícios de alongamento e da dança, e se estende para outros espaços e momentos de sociabilidade.

Todo ano a gente faz uma confraternização. Quando é aniversário da professora, a gente faz alguma coisa. Costuma fazer de duas a três vezes no ano. Cada um participa com um prato. Cada um faz uma coisinha e leva (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

Eu encontro com algumas alunas que já se afastaram. Tem uma reunião que eu vou toda segunda-feira na igreja. Aí eu participo e tenho colegas. Mas tem muitas que já se afastaram daqui (...). Agora eu também já estou indo para a hidroginástica e ficando até mais tarde. Aí eu tenho contato com elas (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

Tal percepção é compartilhada pela professora Ana Paula:

[...] uma aula dessas estimula não só aquele momento ali, mas outros, porque a partir daquele momento elas começam também a ter grupos, combinam entre elas, até mesmo para ir a uma missa. Outro dia uma delas fez um café e chamou uma turma na casa dela. Se uma fica com problema de saúde, todas ali se unem para fazer uma visita. Tem festa no bairro e aquela comunicação é maior. O fator social para essa turma melhora demais (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

A categoria “sociabilidade” emerge nos discursos. Podem-se identificar duas subcategorias: a sociabilidade nos momentos das aulas do PVA e a sociabilidade em momentos fora do PVA.

Sobre a primeira subcategoria, os discursos trazem nuances dessa sociabilidade nos momentos do ritual que envolve a participação nas aulas do PVA, o qual

compreende os encontros para o deslocamento para o local das aulas, as relações que se estabelecem antes, durante e depois das aulas, até mesmo no retorno desses sujeitos para suas casas. Nos relatos acima, a subcategoria “sociabilidade fora do PVA” fica exposta e se desdobra em vários encontros, que têm como espaços privilegiados a igreja e as residências das interlocutoras, entre outros.

A partir desse processo, o prazer nas relações que se estabelecem ressignifica os projetos individuais, que, agora, dão sustentação para um projeto coletivo. Cabe, contudo, identificar as nuances desse projeto coletivo e suas ligações com a continuidade das vivências, assim como o que motiva o grupo a continuar.

Olha, muitas (alunas) ali, quando precisam faltar uma semana e você pergunta, elas falam: “nossa, senti falta demais, meu corpo sentiu falta, minha cabeça sentiu falta da atividade física”. Então, eu acho que é isso, elas gostam, sentem bem, já sentiram que a atividade física faz falta para elas. Mas o que eu escuto delas é que aquele momento é uma terapia, é um momento que elas saem de casa, é um momento que elas se encontram umas com as outras... Então, eu acho que essa parte é que fala bem alto (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

O termo “terapia” é utilizado pela professora e representa um momento próprio, em que as interlocutoras se afastam do trabalho doméstico e de apoio familiar. Esse processo evidencia-se nos relatos das interlocutoras.

Traz de bom é o físico da gente e também o encontro com as amigas, com as colegas. Então, a gente gosta de uma prosa (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

Porque agente encontra com as colegas e conversa. É uma hora que a gente desliga da casa da gente, do dia a dia, da rotina. Eu acho que o que é importante pra gente é isso. Só agente vir aqui e conversar um pouquinho. Se a gente está com a cabeça ruim, a gente melhora (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

Ah, é muito bom! Quando a gente está aqui, não está lembrando nada, de problema nenhum, a gente conversa com as colegas, a gente ri. Então, a mente da gente não pensa em nada [...]. Quando eu estou aqui no projeto, é uma maravilha, a gente brinca, conversa, é uma atividade muito boa (Renata, aluna PVA, 56 anos).

Os momentos em que as idosas se relacionam umas com as outras são oportunidades de reconstrução de seus projetos individuais, de prazer, que têm como pano de fundo um cuidado de si e a relação com o outro, nas conversas, nos conselhos, nos desejos e nos sonhos. Tal resignificação dos projetos individuais dá margem à construção de um projeto coletivo, que tem como maior motivação a continuidade das experiências em grupo.

Alves (2012) nos traz que o sentido dos projetos é sempre intersubjetivo; ele não existe no vazio, mas na relação com projetos de outros sujeitos: “É um meio de comunicação, um instrumento de negociação da realidade entre os sujeitos” (p. 270).

Sem dúvida, um sujeito pode ter mais de um projeto, mas, em princípio, existe um principal ao qual estão subordinados os outros que o têm como referência. De forma aparentemente paradoxal em uma sociedade complexa e heterogênea, a multiplicidade de motivações e a própria fragmentação sociocultural, ao mesmo tempo em que produzem quase uma necessidade de projetos, trazem a possibilidade de contradição e de conflito. Por isso mesmo, o projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do sujeito (VELHO, 1994, p. 104).

O aspecto dinâmico dos projetos reflete os encontros dos projetos das alunas e da professora no PVA. A relação que se estabelece entre esses sujeitos encoraja as idosas a seguirem em frente e fortalece o grupo.

Como citado anteriormente, o prazer, o carinho e o cuidado na atividade corporal dão sentido e valor ao trabalho da professora, o que pode ser materializado, dentre outras situações, no processo de organização do grupo, para arcar com os custos dessa profissional no momento da transição entre os projetos PELC e PVA. Sobre tal relação, algumas de nossas interlocutoras assim se manifestaram:

A satisfação de estar lá era o que fazia que a gente levantasse da cama e trabalhasse, porque a gente recebia muito mais em troca. Elas são super carinhosas. Elas te veem como uma pessoa importante na vida delas por conta não só da atividade física, mas também pelo fato social, que muitas

ali precisam desse contato, de estar umas com as outras (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

A Ana Paula toda vida foi muito boa, muito amiga da gente. Dá muita atenção pra todo mundo, não separa ninguém. A gente vê que ela trata todo mundo de um jeito só. Ela é excelente professora (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

A relação é ótima, ela é muito boa, atenciosa. Tem paciência com os mais velhos e atenção, muita atenção (Mariana, aluna PVA, 63 anos).

Tais relatos apresentam aspectos relevantes da relação entre as alunas e a professora, a qual, a partir dessas relações, agrega e mantém a coesão do grupo. A professora faz parte desse projeto coletivo e protagoniza, em conjunto com as alunas, o processo de continuidade das experiências corporais vivenciadas por essas mulheres em seus momentos de lazer, no PVA, apesar das limitações materiais e espaciais.

Considerações finais: projetos em construção

A compreensão, mesmo que limitada, das trajetórias de vida dessas interlocutoras evidencia, para esses sujeitos, a relevância cultural das vivências corporais experimentadas em seus tempos de lazer. O PVA se torna, nesse processo, um espaço de sociabilidade central para o encontro e o estabelecimento das redes desses sujeitos.

Os projetos individuais, que até então eram construídos primordialmente por um projeto familiar, são dinamicamente alterados e mediados pelas sensações de prazer que as vivências corporais e as relações sociais no lazer proporcionam. Não se negam aqui os conflitos existentes no interior do grupo, mas compreende-se que até mesmo eles são propulsores dessas relações e dos encontros entre os sujeitos.

A alteração dos projetos abre espaço na vida das idosas para um cuidado de si, antes vislumbrado de forma limitada pelas interlocutoras, visto que os cuidados eram

direcionados quase que exclusivamente para os integrantes do grupo familiar. Esse olhar perspectivo individual apresenta-se como um processo de subjetivação que altera constantemente as visões de mundo desses sujeitos.

Nesse sentido, quando se pensa nas motivações para a continuidade dessas vivências corporais em grupo, apesar de todos os contratempos e processos contrários, fica claro que os laços de reciprocidade, sejam eles dentro ou fora do espaço do PVA, apresentam-se como motivação central para esse grupo.

O protagonismo desses sujeitos no processo de continuidade abre espaço para a reflexão sobre as discontinuidades das políticas públicas de lazer. Tais processos impactam as experiências dos sujeitos nesses espaços e podem interromper as relações entre alunos e professores, bem como entre os próprios alunos. Tal processo apresenta-se como desafio à manutenção e continuidade das propostas pedagógicas nas atuações em políticas públicas no campo do lazer.

Assim, refletir acerca da construção de novos projetos individuais a partir dessas experiências é compreender que tais sujeitos fazem parte de um projeto coletivo de envelhecimento, que passa pelas vivências corporais, pelo contato com o outro, mediado por um processo de alteridade característico do grupo e que, apesar de todas as limitações, perpetua-se e amplia-se constantemente nesse contexto social.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. Diferenças geracionais, gênero e sexualidade. In: STREY, M. N. *et al.* **Gênero e ciclos vitais: desafios, problematizações e perspectivas.** Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

ALVES JÚNIOR, E.D. **A pastoral do envelhecimento ativo.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

_____. Lazer, idosos e aposentados: o projeto prev-quebras. In: MELO, V. A.; ALVES JÚNIOR, E. D.; BRÊTAS, A. (Org.). **Lazer e cidade: reflexões sobre o Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 3-26.

BRASIL. **Manual de orientações para implementação do Programa Esporte e Lazer da Cidade**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

COSTA, A. A. **As donas no poder: mulher e política na Bahia**. Salvador: NEIM/UFBA e Assembleia Legislativa da Bahia, 1998.

CUNHA, E. de P.; CUNHA, E. S. M. Políticas Públicas e Sociais. In: CARVALHO, A.; SALES, F. (Org.). **Políticas Públicas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 33-141.

GOELLNER, S. *et al.* Políticas de esporte e lazer de inclusão social. In: ISAYAMA, H. F. *et al.* (Org.). **Gestão de políticas de esporte e lazer: experiências, inovações, potencialidades e desafios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

_____. **Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer**. Porto Alegre: Ministério do Esporte e UFRGS, 2009.

GOMES, C. L. *et al.* Políticas públicas de lazer: pesquisando a temática no contexto de cinco mestrados latino-americanos. **Licere**, Belo Horizonte, Editora UFMG, v. 5, n. 4, dez. 2012.

_____. Lazer e descanso. In: SEMINÁRIO “O LAZER EM DEBATE”, 9. **Anais...** São Paulo: USP, 2008.

IBGE – **Instituto brasileiro de geografia e estatística**: censo demográfico 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br/cidades. Acesso em: 15 out. 2013.

ISAYAMA, H. F. Um olhar sobre a formação profissional no lazer. **Licere**, Belo Horizonte, UFMG, v. 8, n. 1, jun. 2005.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, v. 32, 2009.

_____. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

_____. O velho e bom caderno de campo. **Sexta Feira**, São Paulo, n. 1, 1997.

MELO, V. A.; ALVES JÚNIOR, E. D.; BRÊTAS, A. (Org.). **Lazer e cidade**: reflexões sobre o Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

MENICUCCI, T. Políticas públicas de lazer: questões analíticas e desafios políticos. In: ISAYAMA, H.; LINHARES, M. A. (Org.). **Sobre lazer e política**: maneira de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C.; PAES, R. R. O esporte coletivo no contexto dos projetos esportivos de inclusão social: contribuições a partir referencial técnico tático e sócio educativo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 2, 2013.

STOPPA, *et al.* A produção do conhecimento da área do lazer: uma análise sobre a revista *Licere*: atuação profissional. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 3, 2013.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VELHO, G. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Endereço dos Autores:

João Paulo F. Soares
Rua Noruega nº 140, apt. 302 Bairro Grã Duquesa
Governador Valadares – MG – 35.057-580
Endereço Eletrônico: joaopaulosoaresufjf@gmail.com

Ludmila Mourão
Rua Mário Pederneiras nº 4, Apt. 204 Bairro Umaitá
Rio de Janeiro – RJ – 22.261-020
Endereço Eletrônico: ludmila.mourao@terra.com.br

Edmundo de Drummond Alves Júnior
Rua Assunção 162, apt. 203 Bairro Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – 22.251-030
Endereço Eletrônico: edmundodrummond@uol.com.br